

dade. Não tinha periodicidade certa, não aparecia em dias previamente fixados, na grande parte dos casos. Houve mesmo exemplos em que se anunciava o aparecimento para quando fosse possível, enquanto houvesse verba, mediante aviso posterior. A maior parte dos pasquins não passou do primeiro número. A quase totalidade teve vida efêmera, saída irregular e até orientação flutuante. A mesma orientação transitava por vários pasquins, em outros casos, aparecendo sucessivamente, com nomes diversos, embora se tenha conseguido identificar a origem, estabelecendo os laços que os uniam, tornando-os como que uma só publicação: o melhor meio de identificação, para isso, estava na oficina impressora. A origem de impressão dava também o sinete da tendência sob a qual o pasquim viveria os seus poucos dias. Não é possível, entretanto, deixar de enquadrar como imprensa periódica esse produto específico do meio brasileiro naquela época tormentosa.

Outro aspecto sob o qual, a rigor, também se deixaria de lado o pasquim, na história do periodismo nacional, foi o seu traço específico de produto de uma só pessoa. Um homem, escritor, foliculário, político, servindo a interesses seus ou de outrem, adotando orientação própria ou obedecendo àquela imposta por seus mandantes, escrevia o jornal inteiro. Jornal de um só assunto, sempre, e de artigo único, quase sempre. Menos do que jornal, mera folha volante, panfleto lançado ao público, apreciando um tema, uma pessoa, um acontecimento, o tema, a pessoa, o acontecimento do instante que passava, muitas vezes o motivo inspirador do pasquim, a fonte de que lhe provinha a força, para apoiar ou contraditar. A confusão, própria daquela fase tumultuosa, entre o panfleto e o pasquim, chegou aos nossos dias, embarçando classificações e exames. Nas relações que já se fizeram de jornais antigos, essa curiosa semelhança tem dado margem a dúvidas, a omissões propositadas. A imprensa estava surgindo, entre nós, com formas embrionárias, não perfeitamente definidas, sem caracterizar senão finalidades. Assim, a circular, o pasquim, o jornal, o panfleto, o opúsculo confundiam-se, trabalhavam no mesmo plano, obedeciam às mesmas injunções — a finalidade e a precariedade das técnicas contribuíam para confundi-los. Só o tempo concederia à imprensa a capacidade necessária de discriminação, repartindo áreas de ação e de influência, dando fisionomia própria a cada um desses produtos impressos. A regra, na época, era do jornal de um só assunto, feito de fio a pavio, por uma só pessoa; escrito por um só jornalista ou panfletário, quando não confundindo, na mesma pessoa, o impressor e o redator, caso que não foi raro, uma vez que o impressor era também um partidário, em grande número dos casos, e não apenas um profissional.